

Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📞 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

Cada gota conta!

As alterações climáticas vieram para ficar e estão na ordem do dia. Ao mesmo tempo multiplicam-se as preocupações com a falta de água no Algarve, bem necessário e transversal a todos os setores: doméstico, agricultura, indústria e turismo.

A região do Algarve encontra-se exposta a um conjunto de vulnerabilidades climáticas, que serão potencialmente agravadas num contexto de alterações climáticas.

As mais recentes projeções apontam para o agravamento das tendências já observadas no presente em Portugal e no Algarve em particular: diminuição da precipitação média anual, aumento da temperatura média anual, subida do nível médio da água do mar, resultando em galgamentos oceânicos e aumento dos fenómenos extremos.

No seguimento das previsões e cenários apontados por vários cientistas, são várias as medidas propostas já apresentadas para nos adaptarmos aos novos cenários e para a redução das nossas necessidades hídricas. Contudo, a Almargem considera que não faz sentido arranjar soluções para as necessidades hídricas atuais sem haver uma reflexão séria sobre as alterações que todos nós teremos de fazer nas nossas vidas para pouparmos água e reduzirmos a pressão que fazemos nos nossos sistemas hidrológicos.

Desta forma a Almargem decidiu dar o seu contributo para reduzir o desperdício deste recurso, essencial à vida, e que todos nós, com especial destaque para o Algarve usamos e abusamos diariamente como se de um recurso inesgotável se tratasse.

Segundo as Nações Unidas um ser humano precisa de 110L de água por dia, o que inclui o consumo doméstico e os gastos no comércio, indústria e agricultura. A cidade de Faro é a terceira do país com consumos na ordem dos 243L/dia e a segunda no que concerne apenas ao consumo doméstico com 153L/dia (ERSAR, 2016). São valores alarmantes e preocupantes quando pensamos que a maior percentagem da água que chega às nossas casas é diretamente “perdida” para o mar, uma vez que não temos, efetivamente, hábitos de reutilização.

Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📞 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

É precisamente neste campo que pretendemos fazer a diferença, desafiando a sociedade civil a aderir às nossas propostas para poupar água, no setor doméstico, ao longo de todo o ano de 2020. Desafios que se tornarão hábitos diários é a esperança aqui depositada para aliviar a pressão no uso dos recursos hídricos, valorizando-os.

Iremos publicar todos os meses um artigo de opinião escrito por autores convidados, especialistas em várias áreas, contribuindo para uma sociedade mais informada e capacitada para intervir no processo de tomada de decisão. Vamos ainda propor desafios na nossa página de Facebook com o mote #AÚltimaGota_Algarve, apelando a todos para a poupança de água.

Ajude-nos nesta campanha, porque “Cada gota conta!”

A Direção da Almargem

Desafio Mensal

Consegue tomar banho em 6 minutos? É esse o desafio de Fevereiro.

Todas as semanas será sugerida uma música que o acompanhe durante o duche. Termina a música, termina o duche... Ao longo do mês o nível de dificuldade aumentará, com músicas cada vez mais curtas.

Diga-nos no Facebook se conseguiu cumprir o desafio. #AÚltimaGota_Algarve



Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📠 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

Quando a água não cai do céu*

Fruto da sua condição geográfica, o Algarve apresenta-se como uma região de clima mediterrânico vincado, que se caracteriza, entre outros, por uma elevada variabilidade anual e inter-anual do regime de precipitação, originando períodos de seca com relativa frequência e severidade.

Quinze anos volvidos depois da seca de 2005, Portugal voltou a ser afectado no ano passado por um episódio de seca meteorológica severa, a qual viria a atingir em Fevereiro a totalidade do território nacional, chegando ao Verão com 60% do país a ser classificado em situação de seca severa e extrema, em particular a Sul do Rio Tejo.

Decorrido que está mais de um terço do ano hidrológico, que vai de Outubro a Setembro, apesar do desagravamento que se veio a verificar no mês de Dezembro, no final do ano a região do Algarve permanecia (anormalmente) ainda em situação de seca severa, com parte do Sotavento a permanecer mesmo em seca extrema. Como resultado, a região apresenta actualmente um balanço hídrico desfavorável, com as barragens a apresentarem volumes de armazenamento muito

inferiores à média, com destaque para a Barragem de Odelouca, peça fundamental do Programa de Aproveitamento Integrado dos Recursos Hídricos do Algarve, idealizado há mais de 30 anos.

Estranhamente, tal como em 2005, as forças vivas da região tardaram em reagir a esta greve do São Pedro que já dura há vários meses, por oposição à crise de abastecimento dos combustíveis que durou alguns dias, levando mesmo à exigência da declaração da requisição civil. Porém, mais uma vez o episódio de seca veio expor a vulnerabilidade hidrogeológica da região, mas também o resultado dos efeitos de anos de ausência de planeamento e, consequentemente, do desenvolvimento de estratégias eficazes de gestão da água, que se viriam a reflectir mais uma vez, no surgimento de problemas localizados de abastecimento, mas sob a ameaça constante do racionamento generalizado, desta feita ampliados pelos efeitos de uma seca que dura há já praticamente um ano.

Curiosamente, foram essas circunstâncias que em conduziram a definição da política de gestão da água para abastecimento público no Algarve que vigoravam em 2005, um modelo que, ao contrário do que preconizam os modelos mais actuais de gestão da água, continua a assentar numa estratégia institucional que continua a privilegiar o dimensionamento de soluções baseadas no uso exclusivo de águas captadas em barragens, em detrimento das

Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📞 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

águas subterrâneas que suportaram curiosamente a grande maioria dos abastecimentos.

Todavia, o episódio actual de seca trouxe a novidade do efeito amplificador das alterações climáticas, cujos impactos sobre a água (disponibilidade hídrica) fazem-se sentir tanto do lado da oferta, como do lado da sua procura. No que respeita à oferta, as alterações climáticas provocam uma modificação do regime de precipitações que conduz a variações do volume e da distribuição temporal das disponibilidades de água superficiais e subterrâneas. A estes impactos sobre a quantidade da água acrescem os impactos sobre a sua qualidade, relacionados com a elevação da temperatura do ar, intensificação dos fenómenos extremos ou subida do nível médio do mar com a consequente salinização de aquíferos costeiros. Do lado da procura de água, ocorrem alterações dos volumes de água consumidos pelas diversas actividades utilizadoras e modificações da distribuição temporal destes consumos. (APA, 2013).

Curiosamente, e tal como em 2005, ainda que desta feita com uma componente mais política e mediática, a seca parece ter estimulado a emissão profusa e, por vezes, inflamada de opiniões e o debate, por vezes, enviesado sobre as futuras origens da água, verificando-se mais uma vez, mas agora com um forte pendor político, alimentado supostamente pelo debate sobre as Alterações Climáticas, por parte do poder autárquico, que o discurso sobre as soluções para este problema assenta de forma insistente:

- na construção de uma ou mesmo mais novas barragens, com a da Foupana à cabeça, qual solução milagrosa, tal como já havia sucedido com a de Odelouca, cuja situação está à vista;
 - na transferência de caudais de outras bacias hidrográficas;
 - na instalação de unidades de dessalinização;
 - na reutilização de águas residuais tratadas;
 - só por fim, na melhoria das políticas actuais
- isto é, diminuir as perdas nas redes de abastecimento e infraestruturas de rega, bem como diminuir necessidades de água nos espaços verdes urbanos.

Ironicamente, a escolha dos decisores políticos pende, mais uma vez, mas desta feita qual facto consumado, para a construção de uma nova barragem, ignorando o próprio relatório em que se suporta o Plano Intermunicipal de Adaptação às Alterações Climáticas do Algarve da Comunidade Intermunicipal – AMAL (PIAAC-AMAL), encomendado pela própria, que releva este caminho de adaptação para um cenário de menor disponibilidade hídrica para um futuro não imediato mas imperativo, em detrimento de outras medidas mais favoráveis ambiental,

Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📞 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

social e economicamente, a saber: “Melhorar as políticas atuais” e “Implementar técnicas de retenção de água”, conjuntamente com “Reutilizar águas residuais”, que considera poderem ser suficientes para manter a disponibilidade hídrica atual até ao final do século, caso o cenário climático venha a revelar-se o menos gravoso (RCP4.5), mas no cenário mais severo apenas as medidas “Implementar Central de dessalinização” ou “Diminuir a área agrícola irrigada”, fornecem soluções para sustentar os consumos atuais. (...)”.

Neste panorama faz sentido defender uma estratégia de uso integrado das denominadas “origens convencionais” (subterrâneas e superficiais), a qual se mostrou até agora, tal como então, que existem alternativas que permitiram e permitem ultrapassar esta situação, abandonando definitivamente uma visão ultrapassada em que a gestão da água continua a ser profundamente sectorial, e apenas focada na satisfação da procura, a qualquer custo, e por consequência, originando um défice de integração aos níveis da gestão das origens, da articulação dos usos entre os diferentes grupos de utilizadores e do ordenamento do território.

Sem noção do real valor do escasso recurso que é actualmente a água, iludida pela promessa de água fácil e barata a todo o custo, a Região e todos os seus agentes económicos preferiram durante muito tempo enveredar por um caminho de falsa fartura, graças a um turismo ávido de mais e mais água, promotor de desperdício. Sempre que havia um problema, lá estava a solução fácil - construía-se.

Recorde-se que os PDM’s continuam a reclamar um aumento das necessidades de água para alimentar os novos “habitantes” previstos para as mais de três dezenas de milhares de camas que se preparam para invadir a Região e, obviamente, os respectivos campos de golfe, reclamando a urgência de se construir mais uma barragem, desta feita na selvagem e livre Ribeira da Foupana, são pois um triste sinal que os nossos rios ainda não estão a salvo, e que a batalha pela sustentabilidade dos nossos recursos hídricos ainda não está ganha. A questão que se coloca é: fará sentido construir novas grandes barragens enquanto existem outras alternativas?

Cabará, pois, à sociedade civil exigir a tomada de uma nova atitude por parte das autoridades, uma mudança alicerçada no conhecimento científico, e não em mediatismos políticos para eleitor ver, que altere a forma como vemos os nossos rios, não apenas como meros locais de abastecimento de água, mas sim como parte essencial de um ecossistema que interessa preservar e que a todos deveria comprometer na sua defesa. E também o início de uma nova

Boletim Informativo da Almargem



✉ Praceta Julião Quintinha, Lote A, r/c esq. – 8100-545 Loulé – Portugal

☎ Tel.: 289412959 📞 Tlm.: 925481986

almargem@mail.telepac.pt www.almargem.org

atitude perante a gestão dos nossos valiosos, mas escassos recursos hídricos, com mais parcimónia e espírito de responsabilidade para com as gerações futuras.

Autor:

Luís Brás, licenciado em Engenharia Agronómica pela Universidade do Algarve. Sócio da Almargem desde 1999, onde desempenhou cargos directivos, tem colaborado desde há vários anos na elaboração de projectos/pareceres técnicos e em acções de voluntariado e Educação Ambiental. (Escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

* O título deste artigo é de uma reportagem que foi exibida na RTP em 2005, quando Portugal Continental era então assolado por aquela que é considerada a seca de maior extensão territorial - 100% do território afectada - e a mais intensa - tendo em conta os meses consecutivos em seca severa e extrema (IPMA).